

OS SIGNOS DE REVOLUÇÃO NA INDÚSTRIA CULTURAL: produto do paradoxo ou paradoxo do produto?

André Luiz Santiago Pires BESSA

Universidade Federal do Ceará

O presente trabalho vem como parte integrante do desenvolvimento de minha dissertação de mestrado pelo programa de pós-graduação em psicologia social pela Universidade Federal do Ceará e pretende-se a discutir um dos eixos centrais da pesquisa, sendo esse os Signos de Revolução. Estes signos, a serem formulados pela pesquisa, se referem, primeiramente, de uma discussão barthesiana sobre a profundidade dos signos, não apenas escritos, mas também visuais. Tais signos colocam-se em um posicionamento dispare da definição anterior por guardar implicações diferentes referentes ao momento em que surgem: o capital como se configurava no fim do século XX e começo do século XXI e a construção de sua Indústria Cultural, portanto sendo produzida para ser vendida. Sendo mais específico, o recorte feito será sobre os signos produzidos pela, então, nascente cultura *blockbuster* e, como seria conhecida no início do século XXI, o universo *nerd*. E qual seria então o atrativo destes signos em específico que mereça nossa atenção? Seu conteúdo revolucionário. Revolucionária sim, mas presa em sua própria história. Portanto, a partir de uma revisão bibliográfica do conteúdo literário, acadêmico e visual sobre o assunto, a questão central do presente trabalho é questionar, dentro dos recortes temporais dados, em que condições a Indústria Cultural seria posta ao de nível de produzir signos aparentemente contra o próprio sistema para melhorar administrá-la? E como estes signos, em um primeiro momento, podem ser produzidos e como estes, pelo processo de cooptação, são transformados em produto e mantendo o sistema.

Palavras-chave: Indústria Cultural; Teoria Crítica; cooptação; signos de revolução.

EIXO 5: INDÚSTRIAS CULTURAIS E TECNOLOGIA